

JORNAL DOS DEBATES

POLITICOS E LITTERARIOS DE 1838.

Publica-se regularmente por Semana ás Quintas feiras. Subscrye-se n'esta Typographia a 4\$000 por Trimestre, pagos adianta dos.

RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DEL. A. BURGAIN — RUA D'ALFANDEGA N. 131.

INTERIOR.

POLITICA.

Até aqui temos apresentado os meios de governo que julgamos adaptados e proprios a reabilitar a moral no Brasil. As reformas da *legislação penal*, da *instrução publica*, e a *moralidade dos empregados*, são os tres principaes meios de que deve lançar mão o governo, para se sustentar no poder, e ao mesmo tempo firmar a ordem social, e o futuro do paiz.

Passando agora a outra ordem de idéas, chegámos á politica fundamental, á politica relativa á nossa forma de governo. Esboçemos, portanto, algumas considerações sobre o systema de principios politicos que predomina no Brasil.

A ordem moral e a ordem physica compoem-se de uma serie eterna e infinita de acções e reacções. E parece haver n'isto uma lei da Providencia Divina, que faz com que não possam os principios governar o mundo, senão depois de serem uns pelos outros modificados.

Ainda hontem, durante a regencia do Sr. Diogo Antonio Feijó, tendia-se a sacrificar a monarchia á democracia; e hoje a tendencia é inteiramente opposta; stigmatiza-se a *monarchia americana* do escriptor para sempre illustre da *Aurora Fluminense*, publica-se solemnemente a *monarchia forte*.

E nós tambem, nós queremos a *Monarchia forte*, porém *forte* pelo seu accordo com os sentimentos da civilisação moderna, *forte* pela sua harmonia com o espirito, as reminiscencias, e destinos da população, *forte*, enfim, segundo a constituição e o *acto addicional*.

As formas gothicas da *realeza da media idade* e do *direito divino* só teriam no Brasil o desastroso resultado de comprometter a monarchia constitucional, em vez de firma-la no coração dos povos.

Um passado, ainda recente, um passado tão cheio de acontecimentos, tão preñado de factos, nos apresenta uteis lições, que passaremos em silencio,

para não avivar recordações tão dolorosas e tão funebres.

A realisa representativa é a formula a mais veridica e mais resumida de todas as theorias que tendem á civilisar as Nações; é a ultima expressão da intelligencia e dos trabalhos humanos; é o eclectismo o mais razoavel, applicado ao governo, e á organização das sociedades.

Mas, para que ella seja real, e para que possa fazer a ventura dos povos, é de mister que cada elemento social seja admittido em justas proporções na organização politica; é indispensavel que não sejam sacrificados uns aos outros. Todo o governo que menospreza o elemento democratico em proveito da realisa, ou esta em proveito da democracia, mutila e falsifica a monarchia constitucional, e dá origem a um terrivel conflicto entre os dous partidos, conflicto que costuma terminar ou pela queda da realisa, ou pela perda da liberdade.

A natureza especial de cada paiz marca e decide a proporção em que devem entrar estes dous principios, sem que isto dependa ou das paixões dos governos, ou dos caprichos das facções populares.

Por mil diversas circumstancias, por diferentes acasos, o elemento popular hoje no Brasil é um facto immenso, é a sociedade inteira, já não aspira a ser contado na organização da sociedade, mas governa por si só. A constituição do Brasil foi admiravelmente feita, por isso que ella comprehendeu esse facto em toda a sua extensão.

Houve em 1828 e 1829 um ministerio que tentou sacrificar o povo á realisa; dous annos depois foi a questão debatida com as armas, e decidida pela revolução de 7 de Abril de 1831, cujos effeitos se sentem ainda hoje, e se estenderão no futuro.

Depois, governos se apresentaram com idéas oppostas; mas, era impossivel levallas avante, impossivel era fazellas triumphar. Veio o dia 19 de Setembro de 1836, e os actos do actual governo vão decidir a questão.

Entre o *progresso* e o *regresso*, palavras representantes dos dous systemas que se debatem, o *Jornal dos Debates*

de 1838 não pode ter escolha. Ambos estão longe da verdade, ambos são falsos e ferteis em terriveis consequencias; ambos exprimem necessidades irregulares que não-devem nem podem ser as do Brasil.

O Brasil não quer de novo despenhar-se pelo declive das revoluções, mas, ao mesmo tempo, não quer *regresso*.

Taes são os principios do *Jornal dos Debates* de 1838 a este respeito. O redactor, com coragem e resignação, se compromette pela sua defesa, e desejaria vê-los seguidos pelo governo e pelos partidos.

DISCUSSAO POLITICA.

Logo que os redactores do *Correio Official*, e do *Chronista*, refutando as nossas opiniões, negaram a existencia da crise terrivel em que se acha o Brasil e que haviamos esboçado no nosso 1.º numero d'este anno, tencioná-nos sustentar as nossas idéas e continuar a polemica; eis que nos veio ás mãos o seguinte communicado de um nosso *correspondente*, que, adoptando todas as nossas idéas, melhor do que nós o poderíamos fazer, responde aos periodicos acima mencionados, com aquella eloquencia nobre, franca e verdadeira, que requer um assumpto tão grave, e de tanto peso.

COMMUNICADO.

AO CORREIO OFFICIAL E AO CHRONISTA.

Honte à qui peut chanter pendant que Rome brûle.
S'il n'a l'âme et la lyre et les yeux de Néron.
(DE LAMARTINE.)

Nas epochas de decadencia e de desordem, o fundo dos corações offerecem bem singulares differenças de um individuo a outro! Uns, com a alma serrada de tristes presentimentos, arredam-se da carreira para deixar passar a torrente das misérias! outros, em pequeno numero, lançam-se diante d'ella, são arrastados e submergidos; o grande numero, vendo amontoar-se as nuvens, limitam-se a precauções egoistas contra o naufragio; alguns, enfim, solistas e interessados, para quem Deos, o universo, e a sociedade resumem-se no ouro, depois de o ter contado, exclamam. — Existimos no melhor dos mundos possiveis: tudo vai ás mil

maravilhas; o negrume da tempestade é aurora de um bello dia; o estampido do raio é a harmonia da natureza. — O que deve-se responder a semelhantes sofistas? Qual é o meio de convencê-los de que fora da esphera dos seus interesses individuaes ha interesses geraes em perigo? Esse meio não existe, o escriptor deve desistir de procurá-lo: para aquelles que se interessam em desconhecer a verdade, nenhuma demonstração é possível.

Entretanto, apesar dos hymnos entoados pela *folha Official* e o *Chronista*, á presente ordem de cousas, nem por isso deixa o Brasil de achar-se no seio de uma crise immensa. Assignalando-a com toda a energia, o escriptor consciencioso não pode com justiça incorrer na censura da imprensa ministerial: sim, elle nada mais faz do que elevar um phôro bem luminoso sobre o tope do escolho, afim de marcar o perigo; faz uma obra de patriotismo, para que todos curem de remover a imminencia dos males publicos. Se alguém mercede censura, são aquelles que procuram embair-se a si mesmos, embair o publico, que dissimulam-lhe a gravidade da situação das cousas, que o embalam no berço da mentira.

A nossa sociedade não assenta-se hoje sobre a base do elemento religioso, moral, politico, industrial; vive no ar, aberta, e desmantelada de todos os lados; a desordem material é a consequencia d'este estado moral, que conduz o Brasil á sua total dissolução. Eis-aqui o que affirmou o redactor do *Jornal dos Debates*; eis-aqui o que deviam contestar o *Chronista* e a *folha Official*, caso fossem sinceramente de um sentimento opposto. Mas, em vez de postar-se neste ponto da grande questão, as duas folhas *Officiaes* vão comparar o presente estado do Brasil com as crises da Independencia, e de 7 de Abril de 1831.

É falso, visivelmente falso, que a crise da Independencia fosse mais grave que a actual. Nós eramos então um povo de paixões virgens; os costumes e tendencias publicas erão admiraveis; ainda não haviamos respirado o ar abrasador das revoluções; o terreno ainda não vacillava sob nossos passos; um mesmo pensamento animava todas as almas, e fizia bater todos os corações; a causa da liberdade nascente dispunha aos sacrificios a grande maioria dos cidadãos; era uma d'essas epochas nobres e desinteressadas, que se não produzem duas vezes na vida de um povo. Havião dissidencias, haviam resistencias, umas obscuras, outras sobre o campo da batalha, e á face do Sol: mas o que podiam ellas em presença d'esta disposição moral do paiz! Que homens eram-nos então, e que homens somos hoje! D'outro lado, Portugal se nos apresentava em um estado bem differente d'aquelle em que os seus grandes homens dictavam leis nas bocas do Indo e do Ganges; uma pálda reminiscencia da antiga gloria adquirida na carreira dos combates era a herança unica que esta nação conservava em seo eclipse.

Assim tambem nunca emancipação politica foi menos, destruidora mais uniforme em seus principios, mais decisiva em seus resultados que a do Brasil: a revolução feita nos espiritos reproduzia-se solememente na ordem dos factos, moderada, patriótica, e por consequencia irresistivel. Com a independencia terminam-se a innocencia e fresquião do pannel; adeos tempos de abnegação

individual, de civismo, de interesse pela causa publica; adeos crenças grandes, fortes e justas, que unicas podeis dar duração, progresso e prosperidade á sociedade dos homens! A nova era, que começa, offerece um movimento critico, o qual dura até o momento, em que traçamos estas linhas: o nosso estado presente é filho do passado, é o producto accumulado de uma longa serie de forças desorganisadoras. Não deve-se quebrar a cadeia dos acontecimentos, não deve-se supprer que tenham havido no Brasil crises e revoluções diversas. Não; a revolução é uma, e a mesma; ella começa depois da independencia, continúa ainda; a geração que a sandou, ao entrar na carreira da vida, não verá talvez o seu termo. Diversas tem sido as scenas, diversos os actores, mas o drama é o mesmo. Entre 1789 e 1815 houveram em França diferentes revoluções? Não; uma só, que principia junto do cada-falso do neto de S. Luiz, e vai ultimar-se nos rochedos solitarios de Santa Helena.

A revolução inglesa, que precipita o imperio dos quatro *Stuarts*, estende-se de 1603 a 1688. A nossa comprehende já o periodo de 15 annos, periodo mui longo para a nossa existencia de um dia, periodo mui curto para a Providencia, que trabalha com vagar sobre a vasta tela da eternidade.

Durante este espaço, que doloroso espectáculo tem offerecido o Brasil! É um povo que procura contituir-se, mas obstaculos sem numero surgem de todos os lados, e o impedem de colher o fructo das suas esperanças. Que assombrosa instabilidade nas cousas, nos principios, e nos homens! A hora, que corre, accusa a hora precedente; sobre as ruínas do idolo de hoje levanta-se o do dia d'amanhã, que pela sua vez será sacrificada á outros idolos igualmente ephemeris; uma semana basta para converter o symbolo da paz em symbolo de guerra; todos os objectos vacillão, a vista obscurece-se em contemplar este quadro movediço.

Ministerios e poderes permanentes são arrastados pelo mesmo turbilhão; todos são impotentes a dar uma solução a grande crise social. Pedro I inscreve precipitadamente o seu nome nos fastos de dois povos, e desaparece; a noticia publicada á porta do seu palacio não delém, nem surprehende o passageiro. Que tinham que lamentar os povos! A regencia trina, a regencia de um só apparecem successivamente sobre a scena; a impotencia de governar é sempre a mesma; a revolução segue o seu curso; a crise agrava-se de dia em dia; todas as instituições são inefficazes para garantir o bem; a discordia civil dilacera uma por uma as provincias do Imperio. O movimento popular de 1831 e os outros parciais, que o precederam e succederam, são expressões differentes de um mesmo facto, são episodios da revolução geral, profunda, radical, que trabalha o Brasil desde 15 annos. Quaes são as causas d'esta triste filiação dos acontecimentos? Procure-se umas na consciencia da geração actual, e outras n'esse fatalismo inexoravel da Providencia: o destino humano tem duas faces, uma contingente e visivel, outra necessaria e mysteriosa. Mas seja o que for, a posição presente do Brasil é sobremaneira critica, como resultado final de todas as causas de composição em actividade permanente desde a nossa politica emancipação. Nós vivemos nos tempos do *Baixo-Imperio*,

ou nos da França de Luiz XV. Pode uma nação subsistir regularmente na ausencia das verdades religiosas, moraes, politicas e industriais?.. Não, ellas são os laços, a base e o fundamento das sociedades humanas; O scepticismo, o desanimo, a indifferença para o verdadeiro, o justo e o santo; a concentração do espirito nos abysmos do egoismo, a incuria do porvir, são symptomas precursores de grandes mudanças, de grandes desordens.

Nós não exageramos cousa alguma; vemos o porvir através do presente; tiramos as verdadeiras, ainda que amargas, induções do estado moral do paiz, o que aliás cada um pode verificar, por pouco que se applique a lançar os olhos em torno de si. Qual deve ser a conducta dos homens honestos no seio d'estas dolorosas circumstancias? Proclamar verdades e principios de reforma e de regeneração, e isto unicamente para satisfazer os deveres do patriotismo, para ter a consciencia em paz, e a fronte serena. Que se no meio d'estes esforços a tempestade nos vier surprehender, não nós deixemos accurrar, engendremos pelo contrario o nosso pensamento, abramos o coração a outras esperanças: «As sociedades humanas, disse o veneravel *Royez-Collard*, nascem, vivem e morrem sobre a terra; ali ultimam-se seus destinos. Mas nós, pessoas individuaes e identicas, verdadeiros seres dotados de immortalidade, temos outro destino, que não tem os estados. A sociedade não absorve o homem todo inteiro, resta-lhe a mais nobre parte de si mesmo, essas altas faculdades pelas quaes eleva-se a Deos, a uma vida futura, a bens desconhecidos, em um mundo invisivel. !

X. X.

VARIEDADES.

— A exclusão do medico da semana no jantar de S. M. I. continua a ser o objecto de todas as conversações. Pessoas ha que affirmam ser o governo causa d'esta exclusão, e esta circumstancia faz vacillar o credito do governo. Quando sentaram-se á mesa do principe tantas pessoas, que pouco ou nenhum merito tinham, porque se havia de excluir pessoas illustradas, e tão dignas como os medicos? O *Jornal dos Debates* deplora tal occorrença, por isso que ella faz perder bastante força moral ao governo; é necessario, portanto, que o *Correio Official* explique, se houve ou não interferencia do governo n'este negocio, para que com conhecimento de facto possamos fallar.

— Corre por certo que morreu o Sr. P. José Custodio Dias, senador do imperio.

— Nós não cremos que Brasileiro algum, serio, decente, e que saiba apreciar os deveres da hospitalidade para com um estrangeiro illustre, possa applaudir ás grosseiras façecias com que acolheu o *Chronista* a presença do principe de Joinville no nosso paiz. Ficariamos contentes, se algum redactor governista de Paris lançasse o ridiculo sobre o imperador do Brasil, ou alguma de suas A. irmãs, se acaso fossem viajar áquella nação? Certamente que não. Seria portanto bom que o *Chronista* com as suas

vaías não tendesse a dar uma desfavorável idéa da polidez dos nossos hábitos e civilisação.

— O *Modestus*, titulo que tomou o autor de algumas cartas que tem apparecido endereçadas ao regente interino, censura acrimoniosamente a existencia do Sr. R. Torres no ministerio da marinha. As rasões em que se funda o *Modestus* são mais especiosas do que justas e verdadeiras, por isso que o Sr. R. Torres, ainda que não seja marinho, tem mostrado por três vezes bastantes talentos praticos, e uma capacidade administrativa, que não seria facil achar-se entre os mais distinctos officiaes da nossa marinha.

RESPOSTA AS CORRESPONDENCIAS

SOBRE O SR. MOUTINHO.

Já que o Sr. Muzzi continúa a molestar a paciência do publico desta capital com correspondencias encomendadas, em favor do Sr. Moutinho, ensuando ao mesmo tempo a pessoa que elle não conhece, somos forçados a dar publicidade a este officio dirigido ao Sr. Moutinho, e cuja copia foi remettida ao governo, o qual contém a narração do caso acontecido na legação de Paris, e do procedimento escandaloso d'aquelle nosso representante em uma das primeiras côrtes da Europa. O Sr. Moutinho não pode dar um desmentimento a este officio, a elle mesmo dirigido, nem negar outros muitos factos, que lancam uma vergonha eterna sobre elle, e sobre o Brasil. Desta vez, transcreveremos só este officio. Se nos forçarem, daremos publicidade a outros documentos, e chamaremos para a scena a certo sujeito, que dirige o fogo por detraz dos bastidores.

III. e Ex. Senhor.

No dia 30 do mez proximo passado, havendo recebido do secretario interino d'esta legação a notificação de que V. Ex. me suspendera do exercicio de minhas funções, grande foi o assombro que causou-me, e naturalmente devia causar-me uma tal notificação, visto que V. Ex. ou o secretario por ordem sua, me não haviam jámais feito observação de genero algum acerca do cumprimento dos meus deveres, e que, por outro lado, não tinha por isso nem a mais leve desconfiança de haver commettido faltas no servico nacional. O meu assombro foi tanto maior, quanto, antes d'esta violenta medida contra mim, nem uma inquirição, nem uma explicação, nem uma informação, por V. Ex. pedida, havia tido lugar; nunca V. Ex. de mim exigiu as rasões porque fizera o serviço publico de uma maneira, e não de outra, e nem acerca d'ellas informou-se um só instante do secretario,

sob cuja inspecção o regulamento poz os officiaes. Eu me achava, portanto, e continúo a achar-me na ignorancia completa dos motivos que poderam dar origem á minha suspensão, d'ella resultando o caso singular que, quando cuidava ter direito a todos os elogios, pelo punctual desempenho das minhas funções n'esta legação, recebi pelo contrario aquella notificação. Nestas circunstancias, apressei-me em dirigir-me a V. Ex., e das explicações verbaes que deo-me, tornou-me mysteriosas as causas da medida, de tal sorte que d'ellas deprehendo que V. Ex. mesmo ainda não havia tido tempo de achar uma causa susceptivel de ser convenientemente exhibida. Ora, a suspensão de um empregado, sendo uma medida fóra do ordinario, e de natureza a comprometter-lhe o credito, deve de necessidade repousar sobre motivos graves e graves faltas dos empregados. Então, a razão, a justiça, o respeito que a mim mesmo devo, e ao governo imperial, me impunham, ao mesmo tempo, o dever e a necessidade de esmerilhar as causas da suspensão, afim de poder justificar-me perante o governo imperial, visto que nunca V. Ex. exigira de mim justificação alguma, e isto contra os principios da justiça a mais ordinaria, porque todo o acto pode ser justo ou criminoso, segundo a natureza dos motivos d'onde a origem tira. Em consequencia d'isto, a V. Ex. pedi, pelo officio datado de 4 do corrente, respeitosamente, que houvesse por bem fazer-me conhecer as causas da medida que contra mim tomara, para que, por ignorancia d'ellas, o meu direito sagrado de justificação se não tornasse nullo de facto.

Em resposta ao meu officio, V. Ex. fez-me a honra de responder que — não tinha que dar contas dos motivos que teve para suspender-me senão ao governo imperial, e que já m'os exprimira bocalmente. Peço a V. Ex. que me permita, no interesse da justiça e dos meus direitos, insistir na exigencia de uma declaração regular e formal dos motivos, porque é contra a verdade dos factos que V. Ex. m'os exprimisse, tendo-se unicamente limitado a observações ambguas e vagas nas explicações vocaes que deu-me, no momento em que lhe pedi o passaporte para regressar ao meu paiz, caso V. Ex. houvesse permanecido na intenção de suspender-me o ordenado, e de expôr-me d'esta arte a todos os horrores das privações. Dizia-se que V. Ex. me suspendera por haver eu omitido o registo de uma carta particular, que junta a varios papeis officiaes viera para a secretaria. Na dita entrevista que tive com V. Ex., a proposito do passaporte, signifiquei-lhe o quão incrível e absurda era semelhante supposição, e V. Ex., ao travez da calculada ambiguidade dos termos, pareceu con-

vir comigo na exactidão do conceito que d'ella fizera. E com effeito, eu não podia, não devia, por proprio respeito e consideração a V. Ex., aceitar como veridica uma tal causa. Deixando de registar a carta, cumpri strictamente as ordens expressas e reiteradas que, pelo organ do secretario, V. Ex. havia dado recentemente aos officiaes; e nem na secretaria havia livro algum para o registo d'ella, como o pode certificar o secretario e todos os outros empregados. Isto affirmo com tanta maior seguridade, quanto V. Ex. está certo de que nunca os officiaes se recusaram a trabalhos particulares seus, e nem mesmo aquelles um tanto abaixo da sua posição, como por exemplo o inventario da mobilia de V. Ex., que durante semanas absorveu o trabalho em uma das mesas da secretaria, e comissões particulares; o proprio secretario prestou numerosos serviços de redacção em negocios individuaes de V. Ex., e para não recordarem um, me servirei da longa nota ao Duque de Broglie para defendê-lo das notas affrontosas que lhe endereçara este ministro, afim de força-lo a pagar umas dividas ao senhorio do Hotel. Disse que não devia reputar veridica aquella supposição por respeito mesmo a V. Ex. e eis aqui a razão: ordenar que se não registre certos papeis, e logo depois accusar-me sem informação alguma previa, de haver eu observado as ordens religiosamente, seria uma flagrante cilada, que faria suppôr da parte de V. Ex., ou um d'esses maos sentimentos de vendicta, que sacrificam os meios aos fins ou hábitos de discórdia e de vertiginosos caprichos, que condemnar hoje aquillo que hontem solememente ordenaram, sacrificando nestas rapidas transições aquelles que as não podiam advinhar por boa fé e confiança na verdade. Com quanto não seja a minha suspensão o primeiro acto extrordinario, por V. Ex. praticado n'estes ultimos tempos, sem causa alguma equivalente, e que já dous mezes antes, na impossibilidade de suspender o addido — consul geral, Francisco de Paula Ferreira de Amorim, o houvesse V. Ex. desafiado a esse duello de pistola, que desgraçadamente tão terrivel e estrondosa sensação produziu geralmente em Paris contra esta legação, todavia quero presumir que, no caso actual, eu houvesse dudo, sem o saber, motivos a suspensão. Mas, na impotencia de descobri-los, e devendo ao mesmo tempo dirigir-me ao governo imperial, afim de apresentar-lhe a minha justificação, sou obrigado a de novo pedir a V. Ex. que se digne motivar minha suspensão. V. Ex. perfeitamente concebe que, tendo de accusar-me ao governo, para legitimar o passo que contra mim deu, a justiça requer, que eu tambem perante elle me justifique, o que de modo algum poderei fazer, se por ventura persistir V. Ex.

No systema de negar-me o conhecimento da verdadeira causa da minha suspensão. Requerendo isto, eu me fundo no direito o mais evidente, direito, diante o qual recda até o mandarino nas nações barbarescas. Tomo a liberdade de fembrar-lhe que toda a suspensão deve por sua natureza ser motivada, visto que suppõe uma accusação, e como promette o credito do empregado, e n'isto differe ella da demissão, a qual nenhuma significação tendo para a honra do empregado, não pôde ser motivada. Quão triste e precaria não seria a posição do empregado se, milhares de leguas distante do governo que o nomea, podesse ser accusado e suspenso ao livre arbitrio de seus chefes, sem que estes nem ao menos lhe declarem suas faltas, podendo ser muitas vezes suppostas, e deste modo tirando-lhe o direito de defesa e de justificação. Espero, por tanto, que V. Ex. haja de aquiescer a esta reiterada reclamação. Deos Guarde a V. Ex. Paris, 5 de Maio de 1836.

III^{ma}. e Ex^{ma}. Sr. Luiz Moutinho de Lima Alvares e Silva.

Assignado — Domingos José Gonsalves de Magalhães.

COMMUNICADO.

O RECOLHIMENTO DAS ORFAS

DO RIO DE JANEIRO.

To think and to work is to live.
(ZAMMELMAN.)

Ao terminar-se um dos dias callidissimos de janeiro, Eduardo se dirigia ao morro do Castello, para ali gosar da frescura da tarde, dos encantos da solidão, e entregar-se a esses extasis melancolicos em que se embebe e se deleita uma alma sensivel, que de continuo corre apoz desse ludo fantasma a quem chamamos — felicidade.

Não tardou a offerecer-se aos seus olhos o modesto frontispicio da Misericordia, e seu coração entristeceu-se á vista deste benéfico asilo, receptaculo de todas as misérias, onde a humanidade disputa á morte um sem numero de victimas. Parece, com effeito, que a esperança deve abandonar o desgraçado, quando penetra debaixo desta abobeda sombria, donde pôde avistar o lugar tristonho onde talvez em breve achará eterno descanso!.

Mas, se o espectáculo dos males de seus semelhantes comoveu Eduardo, o aspecto do Recolhimento das Orfãs, contiguo á Misericordia, dispertou em elle emoções não menos profundas. (a)

(a) Em frente da Misericordia está edificada uma casa, com roda de expostos, onde são acolhidas as crianças enjeitadas. Dere-se este tão útil estabelecimento a Bomão de Mattos Duarte, que o fundou em dezete de janeiro de mil sete centos e trinte e oito. O Governo, por varias vezes, concedeu não poucas quantias para a sua sustentação, e entre outros benfeitores, o caritativo Ignacio da Silva Mendes o dotou com uma quarta parte do rendimento de suas propriedades. Nos tempos que precederam esta instituição, era tal o decumpro a que estavam

Em mil sete centos e trinta e nove, alguns benemeritos cidadãos fundaram este estabelecimento, onde são recolhidas e educadas as meninas a quem os pais deshumanos abandonaram ás portas da vida.

Mascarenhas, Guadalupe, Lima Modella, Francisco dos Santos, magnanimos bemfeitores da humanidade, quanto desejaria ver vossos nomes insculpidos na frente desse pio monumento que levantastes! Porque não descansam as vossas cinzas no seu recinto, no meio dessas virgens tímidas que vossa caridade arrancou á miséria? Ai! em quanto crimes espantosos se transmitem á mais remota posteridade, deixa a historia em esquecimento homens cujos beneficios duram além dos seculos!

Estes pensamentos occupavam o espirito d'Eduardo, quando foi distraído pelo canto mavioso de uma joven, cuja voz se unia aos sons harmoniosos de um piano.

Volteu os olhos, e n'uma casa proxima, cujas janellas todas estavam abertas, vio uma companhia numerosa, que parecia animada da mais viva alegria. Logo se suspendeu o canto, e duas donzellas executaram uma das danças voluptuosas originarias da Espanha, e nas quaes as Brasileiras ostentam uma graça indizível.

Eduardo ao contempla-las recordou-se da gentil Esmeralda, dessa filha brilhante da imaginação, que Victor Hugo revestiu de tantos encantos. Seus pés apenas tocavam no chão; á ligeireza dos movimentos, á rapidez dos passos, succediam requebros encantadores. As mesas de jogo estavam desertas, as conversações interrompidas, e todos os assistentes, sentados em circulo, admiravam as formosas bailarinas.

E era um espectáculo verdadeiramente interessante o ver esses dons entes ephemeros e brilhantes, embragados de incenso, esquecidos do passado, não cuidados do futuro, entregando-se ao prazer com todo o ardor da mocidade! Os semblantes alegres dos convidados, os cantos joviaes, o estrondo dos instrumentos, tudo isto contrastava fortemente com o silencio que reinava no Recolhimento das Orfãs. A travez das grades das janellas, via-se algumas vezes o semblante pálido e melancolico de uma joven cujos olhos fitos no firmamento, nelle pareciam procurar um porvir de felicidade que já não esperava achar sobre a terra.

Eduardo, em extremo comovido, em si mesmo dizia — Que differença! Em quanto uma mocidade jovial e brilhante passa dias sempre assignalados por novos prazeres, essas tristes orfãs, victimas de preocupações barbaras, affastadas do mundo que as esquece, gastam os annos na solidão. Não ha para elles lindos passeios, festejos brilhantes, versos enamorados; as vozes sonoras das orquestras nunca deleitam seus sentidos; um suspiro, um olhar terno, uma palavra de amor nunca fez palpitar seus corações. Sua infancia ignorou os affagos maternos, e seus labios soltam com fria indifferença os suavissimos nomes de irmão e irmã! Ah! quantas não haverá que, passando desconhecidas nes-

reduzidos os miseros enjeitados, que alguns amanhaceram dilacerados pelos cães e animaes inmundos. Isto mesmo lamenta el rei D. Pedro Segundo, n'uma carta datada de vinte e um de dezembro de mil seiscentos e noventa e dois, dirigida a Antonio Paez de Sando, na qual lhe recomennda tome todas as providencias a respeito.

ta vida, envelheceram e morreram entre estes mesmos muros, que lhes serviram de berço, de prisão e de sepultura!.. (b)

Porém, quaes serão os castigos que a Providencia aguarda á mãe desnaturada que arranca sua filha de seu peito e a abandona a mãos estranhas, votando-a ao opprobrio e á desgraça.... ella a quem cumpria velar junto ao seu berço, guiar seus passos nas difficilidades da vida, enxugar suas lagrimas, tudo sacrificar por sua ventura.... Oh! seja amaldiçoada na terra, no céu e na eternidade! Dilacerada por tardios remorsos, possão horribes visões affigurar-lhe sempre sua filha, infeliz, desamparada, expirando na primavera de seus annos, e clamando por sua mãe nos arrancos extremos.... E quando, entregue á desesperação, implorar os socorros de seus semelhantes, encontre sómente peitos sem piedade, já que piedade não tivera para o fructo de suas entranhas!

Os derradeiros raios do sol ainda douravam os cumes verdeneiros dos montes, em quanto o horizonte oriental pouco a pouco se escurecia, e o crepusculo, precursor da noite, derramava sobre a terra suas desmaiadas luzes. Algumas estrellas mais apressadas já scintilavam no azul do firmamento; e uma doce viração, refrescando a atmosphera abrasada, também contribuia para a belleza da tarde.

Estava Eduardo abysmado n'um mar de pensamentos tristes, apenas perturbado pelos gritos e risos que de vezes em quando partiam do lugar da reunião, quando o sino da igreja fez retumbar sons pesados e gemedores, vozes que pareciam de morte — talvez annunciando que uma das infelizes reclusas estava enfim livre de uma existencia insupportavel, que havia trocado um sepulchro de pedra por um sepulchro de terra....

Eduardo acordou sobresaltado, contemplou ainda algum tempo o Recolhimento; e, affastando-se com passo vagoroso, encaminhou-se para a subida que conduz ao Castello.

L. A. BURGAIN.

(b) Talvez a algum extrahir o nome de — prisão — que damos ao Recolhimento das Orfãs; mas outro não merece, pois que as meninas que nelle se acolhem não podem sair, senão para cahir nos braços de algum individuo que não conhecem, que nunca viram. Admira que entre tantos homens que uhiram no poder, nenhuma ouve que se lembresse de melhorar este estabelecimento, que tanto honra os seus fundadores. Qual foi o fim que se propuseram? — Tirar da miséria as meninas abandonadas, instrui-las na nossa religião, orar o seu espirito e dar-lhes o amor do trabalho, afim de que um dia venham a ser boas esposas e mães, e assim concorram para o augmento e prosperidade da nação. Mas como se poderá este ultimo ponto conseguir, se se conservam em perpetua clausura? Como se ascenderá n'um momento este amor que deve fazer suaves os laços que prendem os esposos? Quem quizerá casar com uma moça a quem vio apenas uma vez, no dia de S. Isabel, na igreja, e a travez de uma grade? — Somente algum individuo rustico, e talvez debochado, que, com a mira no dote, toma uma mulher com cujo caracter não poderá sympathisar, e a quem fará desgraçada. E o que as mães das vezes acontece. E não poderiam as orfãs, sem faltar á moralidade nem ao seu decore, assistirem aos officios, em lugar separado do publico, porém em vista; irem no passeio, acompanhadas por mulheres idosas e respeitaveis?

Estamos persuadidos de que se assim se praticasse, os casamentos de orfãs seriam mais numerosos, e sobre-tudo mais felizes.

TYPOGRAPHIA DE L. A. BURGAIN.